

REVISTA NJINGA & SEPÉ

A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística

Alexandre António Timbane *

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Universidade Estadual Feira de Santana

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2061-9391>

RESUMO

Interessa-nos nesta pesquisa analisar como o nome e a natureza – incluindo a cultura obviamente – entrelaçam-se dando significados e efeitos únicos em cada comunidade linguística. Na cultura europeia, as pessoas que se encontram pela primeira vez cumprimentam-se falando cada um (a) o seu nome. Mas há outras culturas – como é dos povos tsonga – em que o nome é o elemento mais importante a ser preservado e que não pode ser conhecido por pessoas que não são próximas. A atribuição do nome não é aleatória nas tradições bantu e está ligada ao ambiente, à cultura e aos contextos ambientais em que a “comunidade de fala”. Pesquisa analisou a formação dos nomes desses lugares que após a independência ascenderam para qualidade de distritos. As análises mostram que há nomes de distritos provenientes de línguas de países vizinhos. É o caso de Limpopo e Manjacaze que provém da língua isizulu – língua oficial da África do Sul – e Namaacha ou Lomaacha vindo da língua isiswati, língua oficial do Reino da Suazilândia. No nome sempre se inclui aspectos da cultura. Os nomes de lugares carregam traços dos heróis da região, das plantas da região e outras memórias coletivas do povo. Nas tradições dos povos bantu, os nomes próprios ou de uma região são atribuídos em concordância com os antepassados. Não é por acaso que consultam aos curandeiros qual o nome a atribuir. Existe cerimônia própria para atribuição do nome próprio e o nome de uma região. Os nomes tradicionais dos lugares sofreram transformações ou adaptações gráfico-fonéticas, mas não deixam de ser lembrete da presença das tradições africanas naquele lugar. Alguns nomes de lugares são tabus pela sua importância para os cultos e tradições. Esses lugares carregam histórias e por vezes se tornam santuários do culto aos antepassados.

PALAVRAS-CHAVE

Etnotoponímia; Nomes; Ecolinguística; Distritos; Moçambique

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Mestre em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, Licenciado e Bacharel em Ensino de Francês pela Universidade Pedagógica, Moçambique. É docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês e da Universidade Estadual Feira de Santana (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Tem experiência no ensino e na pesquisa em Sociolinguística e Dialectologia com enfoque na variação e mudança lexical do Português (Estudos do Léxico) e ensino, Contatos linguísticos, Linguística Forense e Línguas Bantu moçambicanas. Orientou e orienta pesquisas na Pós-Graduação, Graduação e Iniciação Científica.

Para citar este Resumo (ABNT): TIMBANE, Alexandre António. A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 558, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=FKEULCGY-EI>

Para citar este Resumo (APA): TIMBANE, Alexandre António. (ago. 2024). TÍTULO. A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 558. (ISSN: 2764-1244). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=FKEULCGY-EI>

A ETNOTOPONIMIA DOS NOMES DOS DISTRITOS DAS PROVÍNCIAS DE GAZA E MAPUTO: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE ECOLINGUÍSTICA

Alexandre António Timbane

**Universidade de Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (UNILAB)/Campus dos Malês
alexandre.timbane@unilab.edu.br**

Roteiro

- **Introdução (motivação, problema, hipóteses, objetivos)**
- **Situação sociolinguística de Moçambique**
- **Fundamentação teórica**
- **Apresentação e análise de dados**
- **Considerações finais**
- **Referências**

Introdução (motivação, problema, hipóteses, objetivos)

A pesquisa questiona quais os processos ecolinguísticos e etnotoponímicos que estariam ligados à atribuição de nomes no grupo tsonga.

- ❖ Os nomes dos distritos provêm dos nomes de plantas e animais da região
- ❖ Os nomes sofreram transformações ou adaptações gráfico-fonéticas
- ❖ Há relação entre o nome do distrito e os contextos socioculturais da região geográfica

A pesquisa objetiva:

- a) explicar as influências do grupo étnico tsonga na atribuição dos nomes dos distritos e
- b) discutir como os nomes dos distritos se ligam à cultura e ao meio ambiente.

Situação sociolinguística de Moçambique

- O português é a língua oficial de Moçambique, segundo as Constituições de (1975; 2004).

Linguas: cinyanja, cisenga, cinyungwé, cisena, ciwutee, cimanyika, cindau, cibarwe, kiswahili, kimwani, shimakonde, ciyao, emakhuwa, ekoti, elomwé, echuwabo, citshwa, gitonga, cicopi, xirhonga, xiChangana, ciswati, xizulu e a língua de sinais (Timbane, 2014). 17 línguas têm ortografia padronizada (Ngunga; Faquir, 2011)

- gujarate, memane, hindu, urdo e o árabe faladas por comunidades asiáticas

Línguas mais faladas (INE, 2007)

- Segundo INE (2007) as línguas maternas mais faladas em Moçambique são: “o eMakhuwa (26,3%), o xiChangana (11,4%), português (10,8%), o ciSena (7,8%)
- Não existe uma língua superior a outra. Portanto, não é pela língua que se pode classificar um povo de **selvagem** ou **incivilizado**. Por esse mesmo motivo as línguas africanas eram consideradas de **dialetos** e até hoje há pessoas desavisadas que entendem assim.

REZENDE, M.C.M; TIMBANE, A.A. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique” **Revista Travessias**. v.10, n.3, 2016.

ETNOTOPONIMIA (etno + toponímia)

- Etno=etnia/comunidade (grego ethnos=povo)
- **Toponímia** estuda a procedência da significação dos nomes dos lugares, levando em consideração aspectos geohistóricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que tenham influenciado sua escolha (Sousa, 2008).
- De forma simples, a toponímia “é o estudo dos nomes de lugares” (Couto, 2007, p.250).
- O nome faz com que algo exista. Antes de ter nome não há existência e o ser humano sempre atribui nomes. A significação do nome “exerce uma grande influencia sobre aquele que o traz e também sobre os outros” (Cunha, 2004, p.224).

Debates...

- A atribuição do nome não é aleatória nas tradições bantu e está ligada ao ambiente, à cultura e aos contextos ambientais em que a “comunidade de fala” (Couto, 2016, p.231) está inserida.
- A mente é um fator ecológico (Mufwene, 2016) porque é onde se depositam os traços e os significados sociais, isto é, “é o *locus* da existência e competição entre línguas” (Weinreich, apud Mufwene, 2016, p.490).
- Uma simples saudação envolve um conhecimento dos modos de vida (Timbane, 2014)

ECOSSISTEMA DA LINGUA



P=Povo (etnia Tsonga)

L=Línguas (xichangana, xitswa e xirhonga)

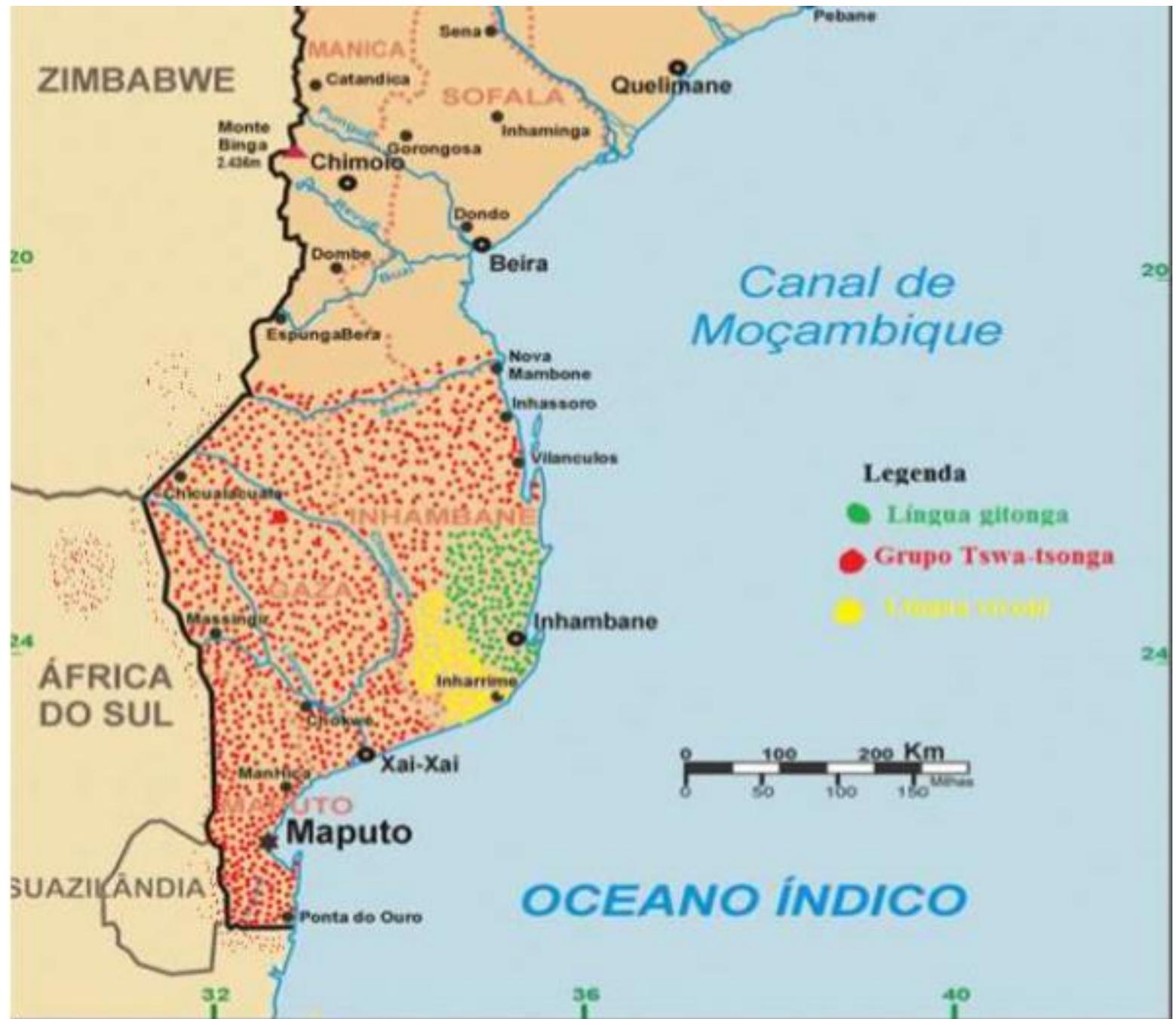
T= Território (distritos das províncias da Maputo e Gaza)

Micro-toponímia= estuda nomes dados pelas comunidades a um espaço territorial.

Metodologia e análises

- É uma pesquisa do campo que coletou nomes de distritos (**7 para Maputo e 14 para Gaza**).
- A escolha das províncias se justifica por a) pertencer ao mesmo grupo linguístico e étnico; b) possuir traços histórico-culturais comuns; c) são do sul de Moçambique;
- São descendentes do grupo de Soshangane que em 1819 aliou-se com os Ndwandwe, um grupo étnico rival, sendo depois derrotado pelas forças de Tchaka e obrigado a fugir com os seus apoiantes ocupando as terras que hora se chama Moçambique.

Pesquisa: analisou a formação dos nomes desses lugares que após a independência ascenderam para distritos. Buscou-se a bibliografia disponível no Ministério de Administração Estatal Assim como as fontes orais.



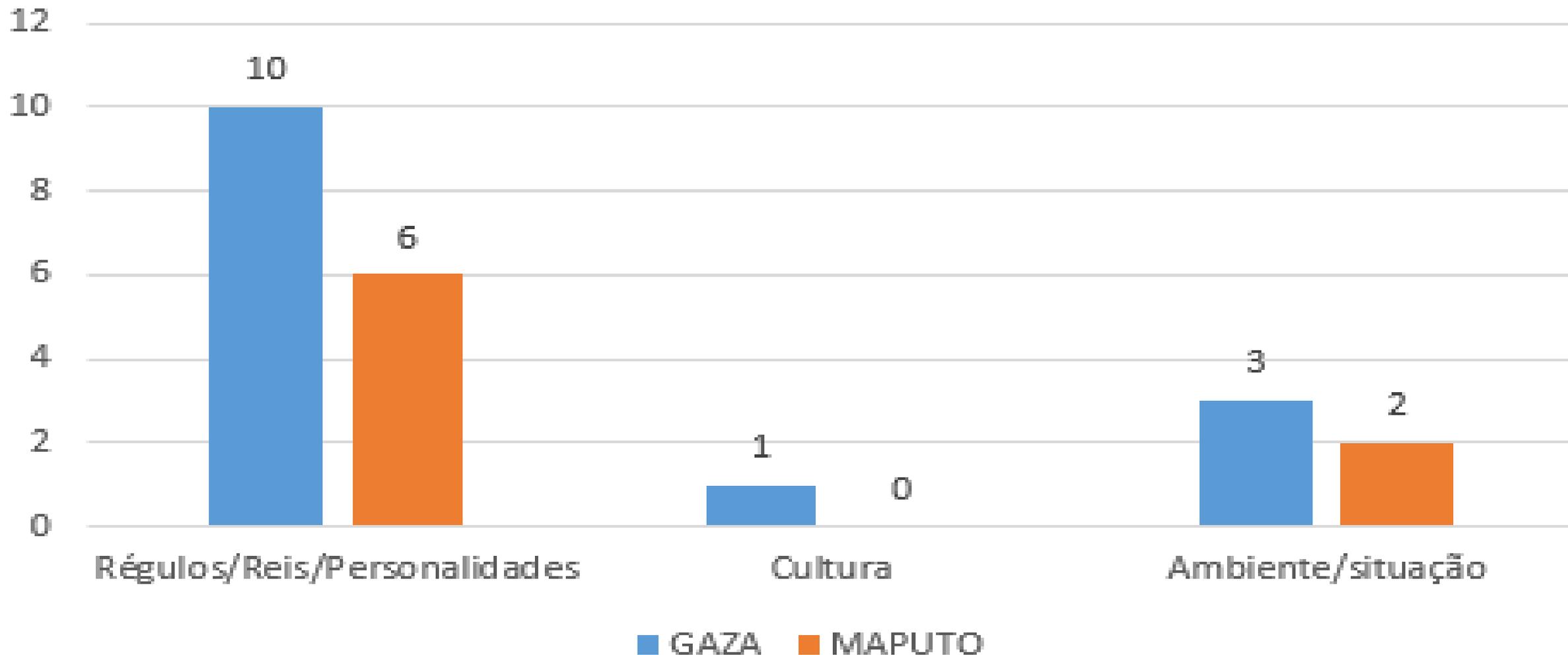
Fonte: Africanidade.

Distritos (3º grau de distribuição político administrativo)

GAZA		MAPUTO
Bilene	Limpopo	Boane
Chibuto	Mabalane	Magude
Chicualacuala	Majacaze	Manhiça
Chigubo	Mapai	Marracuene
Chokwe	Massagena	Matutuine
Chonguene	Massingir	Moamba
Guijá	Xai-xai	Namaacha

Análises

Distribuição dos Distritos por assuntos dos nomes



Análises

- ❖ Os nomes bilene, chongoene Significam “casa(região) dos Bila e dos Chongo respectivamente. (cristanópolis)
- ❖ Geralmente cada distrito apresenta várias pequenas etnias porque a distribuição político-administrativa não corresponde a distribuição sociocultural.
- ❖ Nomes de provenientes de outras línguas: Limpopo e Manjacaze (isizulu) Namaacha (isiswati)

Caso complexo de Marracuene

- 1ª versão: **Muzrakwene** era nome de um indivíduo que tinha vários barcos que serviam de travessia do Rio Incomati para Macaneta. Essa pessoa era chefe de segurança do rei Maphunga.
- 2ª versão: surge devido ao nome do **chefe Murraco** dono de terras nas margens do rio Incomate. Expulsou colonos e instalou a 1ª administração na região.
- 3ª versão: **Marhakwene** era um indivíduo gordo que tinha nádegas grandes.

Nomes adaptados gráfico e foneticamente

Chibuto=ximbutsu

Guijá=Guijane

Manjacaze=Mandlakaze

(zulu=mandlakazi=força/autoridade)

Moamba= Mwamba

Namaacha=Lomahacha (siswate=senhor dos cavalos)

Boana= mbowene

Xai-xai=ntchai-ntchai

Considerações finais

- Da pesquisa se conclui que os nomes são uma identidade ecolinguística e carregam traços da cultura e do meio ambiente da comunidade tsonga. Os nomes fazem referência ao respeito, aos fenômenos naturais, ao poder do chefe dominante.
- Conclui-se que houve adaptação ortográfica dos nomes originais, integrando-se a ortografia latina. Houve uma integração fonológica na maior parte dos nomes atitude que refletiu na grafia dos mesmos e esse fenômeno ocorreu inclusive nos nomes próprios e sobrenomes que são identidade ecolinguístico do grupo em que os indivíduos pertencem.

Considerações finais

A primeira hipótese não se confirmou ...

A segunda e a terceira se confirmaram.

Diferentemente do Brasil, os nomes de lugares/distritos estão intimamente ligados aos régulos ou chefes das diversas etnias;

Os régulos/chefes locais se relacionam com os diversos ambientes.

Há muitos outros elementos nas línguas do grupo tsonga que revelam a relação entre língua e meio ambiente:

Nyingui-timu=sul; mpela-dambu=oeste; n'walungu=norte;
vuxeni=Este.

Há muitos outros aspectos que ligam a língua e meio ambiente nas línguas do grupo tsonga...

Bom dia, *good morning* (inglês), *buongiorno* (italiano), *guten morgen* (alemão), *buen día* (espanhol) etc. Na língua xichangana a palavra **auxeni** significa é “que seja dia” ou “amanheceu”.

- Em português contamos de **1 à 15**----- $16=10+6$...
- Em francês é de **1 à 16**, porque o $17=10+7$
- Em inglês é de **1à 20** significa que $21=20+1$
- Em italiano é de **1 a 10** (isto é: 11=undici, 12=dodici, 13=tredici, quattordici...)
- em quimbundo os números vão de **1 à 10** (11=kuinhi no moxi; 12=kuinhi ni ladi; 13=kuinhi ni tatu;14=kuinhi ni uana....)
- Nas línguas tsonga contamos de **1 à 5** portanto a partir de 6 temos $6=5+1$

Referências

- CABRAL, Joao de Pina; VIEGAS, Suzana de Matos. (Org.). *Nomes: género, etnicidade e família*. Coimbra: Almedina, 2007.
- COUTO, Hildo do H. *Ecolinguística: estudos das relações entre língua e meio ambiente*. Brasilia: Thesaurus, 2007
- CUNHA, Celso. *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro: ABL, 2004.
- MOÇAMBIQUE. *Constituição da República de Moçambique*. Maputo: Imprensa Nacional, 2004.
- MOÇAMBIQUE. *Constituição da República Popular de Moçambique*. Maputo: Imprensa Nacional, 1975.
- MUFWENE, Salikoko. Ecologia da língua: algumas perspectivas evolutivas. in: COUTO, Hildo do H. et al. (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticas clássicos e contemporâneos*. Goiania: Ed.UFG, 2016. p.473-508.
- NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: CEA, 2011.
- SOUSA, Alexandre Melo de. Etnotoponímia acreana: reflexos da cultura nordestina em nomes de seringais. *Recorte*. ano5, nº8, s.p. jan.-jun.2008.
- TIMBANE, Alexandre António. Análise sociodiscursiva da saudação do grupo étnico-linguístico Tsonga de Moçambique. *Educação, cultura e educação*. ECS, Sinov. 4, n.2, p.90-105, 2014.